

A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Emanuela SANTO

Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil

e

Valéria MARTINS

Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil

RESUMO

Na vida de um professor de Língua Portuguesa, é extremamente comum vivenciar situações nas quais os jovens estudantes apresentam dificuldades com a grafia correta das palavras. A partir dessa realidade, surgiu a questão de como tornar o ensino de ortografia mais significativo para os alunos, fazendo com que, verdadeiramente, aprendam ortografia. Dessa forma, esta pesquisa propôs a elaboração de uma proposta didático-metodológica com o objetivo de criar uma ferramenta de ensino-aprendizagem para tratar das dificuldades mais comuns da língua. Criou-se, então, o perfil MANU ORTOGRAFIA na rede social *Facebook*. Nela, os estudantes puderam interagir com os colegas e a professora, de forma a contribuírem com materiais que encontrassem na rua e que contivessem desvios da Língua Portuguesa. Para concluir o trabalho, foi desenvolvido um jogo digital a partir das postagens dos estudantes.

Palavras-Chave: Língua Portuguesa; ortografia, Facebook; jogo digital; tecnologias.

- normas e regras da gramática normativa;
- memorização de conceitos não aplicáveis no cotidiano;
- exercícios de identificar e classificar regras e termos;
- estudo de elementos gramaticais descontextualizados;
- poucos exercícios que levam o aluno a refletir sobre a fala e os diferentes contextos de interação verbal diária.

A partir dessa difícil realidade, surge o problema de pesquisa deste artigo: como tornar o ensino de ortografia mais significativo, mais atrativo e, ao mesmo tempo, fazer com que o educando aprenda, verdadeiramente, a ortografia das palavras em Língua Portuguesa?

Assim, a proposta didático-metodológica que foi elaborada durante esta pesquisa tratou do ensino das dificuldades ortográficas do Português diário. Para tanto, objetivou-se criar uma ferramenta de ensino-aprendizagem sobre as dúvidas mais comuns da Língua Portuguesa.

Concomitantemente à observação das aulas durante o Estágio Curricular Supervisionado e à aplicação das aulas durante o PIBID, foi realizada uma revisão bibliográfica para serem estudados os pensamentos dos principais estudiosos que tratam do ensino da Língua Portuguesa.

Posteriormente, foram elaborados planos de aula para que a proposta fosse aplicada e foi criado, no dia 09 de setembro de 2015, um perfil público na rede social *Facebook* com o nome MANU ORTOGRAFIA.

Nesse momento, alunos da 2ª série do Ensino Médio, da Escola Estadual Major Arcy, localizada na região central da capital paulista, foram convidados a adicionar seus perfis à página para que pudessem contribuir, sempre que possível, com as postagens coletivas. Também, foram incentivados os comentários nas postagens dos colegas.

Toda a proposta está detalhadamente descrita neste texto. Espera-se que, de alguma forma, tal projeto possa estimular outros professores a utilizarem o *Facebook* e outras redes sociais como ferramenta metodológica.

Por fim, esta pesquisa justifica-se pela emergencial necessidade de desenvolver as habilidades de escrita e de fala, de acordo com a norma-padrão. Hoje, um adulto sem o domínio da norma-padrão tem dificuldade, até mesmo, para conseguir uma colocação profissional. Desse modo, é, sem sombra de dúvida,

1. INTRODUÇÃO

A ortografia sempre foi um tema importante de discussão na Educação Básica, já que, mesmo depois de muitos anos de estudo, são vários os alunos que cometem desvios múltiplos ao redigirem uma redação, por exemplo.

Confirma-se essa realidade, infelizmente, por meio da realização dos Estágios Curriculares Supervisionados, obrigatoriedade legal que todo graduando dos cursos de Licenciatura tem de cumprir para receber, ao final do curso, a habilitação para ministrar aulas no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio.

Ademais, convém destacar que a pesquisadora deste estudo, também, teve por dois anos a oportunidade de vivenciar experiências reais de sala de aula por participar de um programa governamental chamado PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência).

Por intermédio das aulas assistidas no Estágio Curricular Supervisionado obrigatório e das aulas ministradas no PIBID, ficou ainda mais visível que, em sua maioria, as aulas de Língua Portuguesa são caracterizadas por:

dever da escola, quando desempenha seu papel social, formar um educando para as mais diversas situações de interação verbal cotidiana.

2. AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ATUALIDADE

O debate acerca do ensino de ortografia nas aulas de Língua Portuguesa sempre foi de importante existência para a construção do currículo escolar. Ele se torna ainda mais necessário na medida em que se avaliam textos de estudantes que cometem múltiplos desvios no momento de redigirem textos, sejam eles na escola, sejam em casa, sejam na Internet.

Essa realidade é constantemente encontrada pelos licenciandos em Letras, devido ao fato de realizarem os Estágios Curriculares Supervisionados, obrigatoriedade legal que todo graduando dos cursos de Licenciatura deve cumprir para receber, ao final do curso, a habilitação para ministrar aulas no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio.

Durante o curso de Licenciatura em Letras, por exemplo, o licenciando com dupla titulação, como Língua Portuguesa e Língua Inglesa, é obrigado a cumprir 700 horas de estágio. Esse é um tempo suficiente para que o graduando possa avaliar como ocorrem, hoje, as aulas de Língua Portuguesa na Educação.

Além disso, há alguns anos, também é possível participar do programa governamental PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), experiência, também, vivenciada pela pesquisadora deste artigo.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), patrocinado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), uma fundação do Ministério da Educação (MEC), desempenha importante papel nos processos de Pós-graduação em todos os estados da Federação Brasileira e que atua, ainda, na formação de professores da Educação Básica, introduzindo-os no universo escolar e qualificando-os para o mercado de trabalho.

O PIBID concede bolsas aos alunos das graduações que cursam a Licenciatura. Os projetos são desenvolvidos por Instituições de Ensino Superior em parceria com escolas públicas brasileiras de Educação Básica. Os graduandos, por sua vez, são orientados e supervisionados por um professor da Instituição de Ensino Superior para que se desenvolvam atividades didático-metodológicas na escola escolhida.

Entre os principais objetivos do programa estão a inserção dos licenciandos no ambiente real de sala de aula, bem como na preparação e estruturação dos planos didáticos-metodológicos para cada uma delas, o incentivo à formação docente, a valorização do magistério, a elevação da qualidade de formação dos professores, além da contribuição da articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes.

Por meio das aulas ministradas no PIBID e das aulas assistidas no Estágio Curricular Supervisionado obrigatório, foi possível perceber que, em sua maioria, as aulas de Língua Portuguesa caracterizam-se pelo ensino da Língua Portuguesa de maneira descontextualizada e sem real utilidade para a vida do educando.

As aulas de gramática são, há muito tempo, desenvolvidas de maneira semelhante: o professor apresenta as normas e as regras à classe, espera que copiem em seus cadernos e que as decorem.

Isso é considerado saber gramática. Entretanto, de acordo com Martins [1], “o melhor seria que o ensino da gramática da Língua Portuguesa fosse mais relevante, funcional, contextualizado e interessante”, visto que o ensino das regras nem sempre auxilia o estudante no momento da interação cotidiana. Assim,

infelizmente, muitas escolas focam o ensino de Língua Portuguesa em longas listas que os alunos têm de memorizar e voltam a atenção dos discentes para os nomes dos elementos da língua e não para os efeitos que tais elementos podem trazer a um enunciado quando são ou não usados [2].

A utilização de listas de memorização ocasiona lacunas no aprendizado dos alunos, uma vez que deixam de ser contempladas a linguagem do cotidiano e a interação verbal em suas mais diversas situações. Nesses casos, quem se prejudica é o educando, que não sai da escola formado para enfrentar as verdadeiras ocorrências de interação verbal do dia a dia.

Por fim, não se pode esquecer das significativas contribuições do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, que há muito tempo, enquanto em sala de aula, trabalhava de forma com que seus alunos

não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto [3].

Outra prática que deve ser discutida é a exclusão do conhecimento prévio do aluno para a construção da aula. Os docentes desconsideram a linguagem utilizada pelos estudantes que, por não se assemelhar à norma-padrão, é tratada como menos importante. Não há sequer a menção ao modo com que os alunos conversam entre si que não seja com o intuito de reprimi-los e fazer com que se sintam mal por estarem, aparentemente, falando de maneira equivocada.

De acordo com Antunes [4], cada vez mais a prática escolar tem “desconsiderado a funcionalidade da língua, a sua condição de prática social interativa, a serviço do mais amplo entendimento humano”.

Freire [5] afirma que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que [...] os educandos chegam a ela”, mas debater com os estudantes a relação entre esses saberes com o ensino dos conteúdos.

De acordo com Martins [6], “seria muito mais acertado se os professores de Língua Portuguesa partissem do uso geral para a norma e não o contrário como ainda ocorre em várias escolas”. Todavia, não há o aproveitamento do que o estudante conhece para que ele saiba utilizar a linguagem mais adequada ao contexto da situação em que se encontrar. Desse modo,

quanto maior é o domínio das variedades de uma língua, maior é a capacidade de alguém para usá-la adequadamente em cada circunstância. Não há por que usar, em toda oportunidade, as variedades cultas [7].

Portanto, é imprescindível que o educador tome “contato com a realidade do aluno, saiba em que condições ele vive [...]. É preciso que o professor conheça o alcance de sua ação como mediador do conhecimento apresentado ao educando” [8].

Dessa forma, ocorrerá a “identificação das diferenças entre dialetos, necessária à construção de uma metodologia de ensino que, a partir dos contrastes entre dialetos-não padrão e o dialeto-padrão, possa conduzir eficazmente ao domínio deste” [9].

O ambiente da sala de aula “é, em primeiro lugar, um espaço de reflexão, e as atividades têm de caminhar sempre sobre essa base” [10]. Apesar disso, dificilmente são encontrados exercícios que levam o aluno a refletir sobre a fala e os diferentes contextos de interação verbal diária. Na realidade, o educador

deveria mostrar que a norma culta não é a única que pode ser validada como legítima representante da língua. O percurso mais significativo para o aluno seria levá-lo a compreender que para cada situação de interação verbal vale o modo de falar que é adequado a esse momento. Percebe-se que se deve buscar uma visão não-purista e de flexibilidade diante das questões da língua e que a escola tem papel importante nessa nova jornada de estudo da língua [11].

A partir dessa difícil realidade, surge o problema de pesquisa deste trabalho: como transformar o ensino de ortografia em algo mais significativo, mais atrativo e, ao mesmo tempo, fazer com que o educando aprenda verdadeiramente a ortografia das palavras em Língua Portuguesa?

Assim, objetiva-se refletir sobre o ensino da ortografia da Língua Portuguesa no Ensino Médio e propor uma sequência didática sobre as dificuldades ortográficas mais lúdica, significativa e que, efetivamente, construa o conhecimento necessário para que o aluno o use na interação verbal do dia a dia.

3. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, de ortografia, deveria:

desenvolver um trabalho que permita ao aluno descobrir o funcionamento do sistema grafo-fonêmico da língua e as convenções ortográficas, analisando as relações entre a fala e

a escrita, as restrições que o contexto impõe ao emprego das letras, os aspectos morfossintáticos, tratando a ortografia como porta de entrada para uma reflexão a respeito da língua, particularmente, da modalidade escrita [12].

Neves [13] corrobora com as colocações dos PCN ao explicar que:

a escola tem de ser garantida como o lugar privilegiado de vivência de língua materna: língua falada e língua escrita, língua padrão e língua não padrão, nunca como pares opostos, ou como atividades em competição; enfim, uma vivência da língua em uso em sua plenitude: falar, ler, escrever.

Assim, a proposta didático-metodológica que foi elaborada durante esta pesquisa tratou do ensino das dificuldades ortográficas do Português diário. Para tanto, objetivou-se criar uma ferramenta de ensino-aprendizagem sobre as dúvidas mais comuns da Língua Portuguesa, por meio da rede social *Facebook*.

A inserção de um meio tecnológico, que faz parte do cotidiano dos educandos, foi escolhida como um método para variar e ampliar as estratégias de ensino e aprendizagem. A utilização da Internet como ferramenta de aprendizagem, possibilita a “combinação das linguagens verbal, sonora e imagética; propicia maior rapidez na busca por informações e oferece interatividade em tempo real com pessoas de todo o mundo. Ela não anula a figura do professor” [14].

O intuito de criar um perfil na rede social *Facebook* foi o de transformar um instrumento de diversão e descontração para os adolescentes em uma ferramenta de ensino-aprendizagem também. Com isso, pretendeu-se desconstruir as atividades que “continuam finitas no tempo e no espaço restrito da sala de aula, ou seja, os trabalhos escolares que fazem uso do computador e da internet” [15] que, geralmente, são limitados ao espaço físico escolar.

Dessa forma, o perfil da rede social foi criado como um ambiente colaborativo no qual os estudantes poderiam ter a oportunidade de compartilhar suas dúvidas e, também, materiais divertidos que encontrassem não somente no mundo virtual, mas também no real.

Abandona-se, com isso, “um processo de construção de conhecimento de forma compartimentada, segmentada, e surge [...] um mecanismo totalmente interligado no qual as pessoas estão cada vez mais conectadas umas com as outras” [16].

A partir das publicações dos jovens estudantes no *Facebook*, tornou-se possível a discussão no contexto educacional sobre o conteúdo apresentado por eles. “O Facebook, portanto, provocou debates e discussões profundas e auxiliou no processo de entendimento de diferentes visões sobre um mesmo tema” [17]. Partindo da rede social, foi possível apresentar aos educandos a importância de conhecer a grafia correta das palavras, sua utilização em um contexto adequado e o que ocorre caso essa adequação seja ignorada.

Dessa forma, foram elaborados planos de aula para que a proposta fosse aplicada e foi criado, no dia 09 de setembro de 2015, um perfil público na rede social *Facebook* com o nome MANU ORTOGRAFIA:



Fig. 1 Tela de criação do Perfil Manu Ortografia.

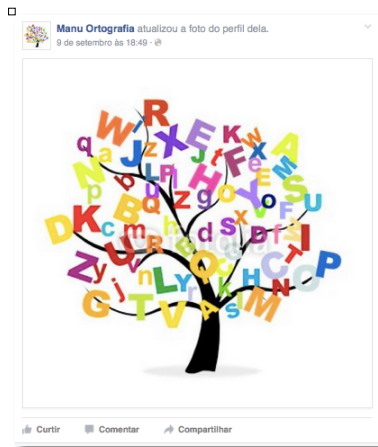


Fig. 2 Foto do Perfil Manu Ortografia.

Para que qualquer pessoa pudesse participar do perfil, no próprio dia de criação, foi criado um texto explicativo com a função da página. Optou-se por manter este texto explicativo na foto de capa do perfil:

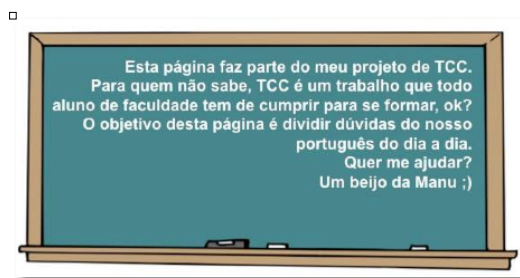


Fig. 3 Texto explicativo que compõe a foto de capa do Perfil Manu Ortografia.

No dia seguinte à criação do perfil, os alunos da 2ª série do Ensino Médio, da Escola Estadual Major Arcy, localizada na região central da capital paulista, foram convidados a adicionar seus perfis à página para que pudessem contribuir, sempre que

possível, com as postagens coletivas. Também, foram incentivados os comentários nas postagens dos colegas.

No primeiro dia, a criadora do perfil postou um vídeo, intitulado COISO, do canal do *YouTube* Cia dos Barbixas do Humor. O vídeo está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=6-9nWt04oSI>.

Logo depois dessa primeira postagem, vários alunos, ex-alunos e amigos começaram a postar outros materiais:

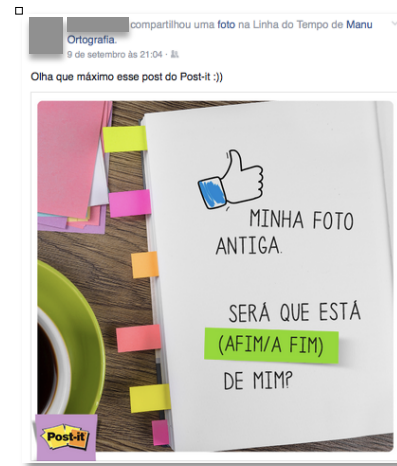


Fig. 4 Primeira postagem de um amigo no Perfil Manu Ortografia.



Fig. 5 Segunda postagem de um aluno no Perfil Manu Ortografia.

É interessante ressaltar que, embora o nome do perfil fosse MANU ORTOGRAFIA, começaram a ser postadas dúvidas de

Português que não envolviam só questões ortográficas, como comprova a imagem a seguir:

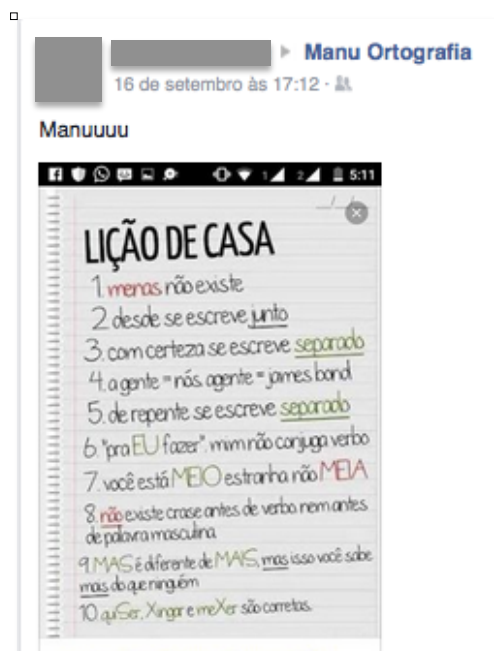


Fig. 6 Postagem de um aluno no Perfil Manu Ortografia que trata de dificuldades da Língua Portuguesa.

Para concluir o trabalho com a rede social *Facebook*, surgiu, então, a ideia de desenvolver um jogo digital contendo as colaborações dos estudantes durante todo o ano. Criou-se, assim, o jogo MANU ORTOGRAFIA.

A partir desse jogo, realizar-se-ia a avaliação da absorção do conteúdo por parte dos estudantes, uma vez que o jogo contém imagens e textos apresentados pelos próprios alunos.



Fig. 7 Página inicial do jogo digital Manu Ortografia

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de um jogo digital como método de avaliação dos conhecimentos da Língua Portuguesa apresenta-se válido na medida em que não só avalia os saberes, mas também diverte, descontrai e torna ainda mais unido e significativo o ambiente de aprendizagem.

No senso comum, impera a ideia de que as tecnologias, a Internet e as redes sociais são utilizadas pelos jovens somente como meio de interação social, diversão e reclamação sobre a escola. Apesar disso, foi possível visualizar a intensa participação dos jovens no compartilhamento de materiais e nos comentários sobre publicações de outros estudantes.

Ficou evidente, portanto, que a rede social *Facebook* “funcionou como uma nova ferramenta pedagógica [...] e o docente não perdeu sua importância, receio de muitos. Apenas é possível perceber que a principal função do professor [...] não pode ser mais simplesmente a difusão dos conhecimentos” [18].

Possenti [19] disserta sobre as alterações no ensino de Língua Portuguesa nas escolas ao expor que “as únicas pessoas em condições de encarar um trabalho de modificação das escolas são os professores. Qualquer projeto que não considere como ingrediente prioritário os professores – desde que estes, por sua vez, façam o mesmo com os alunos – certamente fracassará”.

Conclui-se que, mesmo que as redes sociais e a Internet como um todo proporcionem um ambiente de aprendizado mais livre “no qual o ritmo individual de aprendizado é mais respeitado, o papel do professor como mediador, como guia, como facilitador, continua sendo insubstituível” [20].

REFERÊNCIAS

- [1] V. B. Martins. **A utilização de redes sociais na formação docente**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014a.
- [2] V. B. Martins. **A utilização de redes sociais na formação docente**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014a.
- [3] P. Freire. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- [4] I. Antunes. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- [5] P. Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- [6] V. B. Martins. **A utilização de redes sociais na formação docente**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014a.
- [7] I. Antunes. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.
- [8] V. B. Martins. **O despertar para a leitura por meio de mídias digitais**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014b.
- [9] M. Soares. **Linguagem e escola**. São Paulo: Ática, 2005.
- [10] M. H. de M. Neves. **Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto**. São Paulo: Contexto, 2010.
- [11] V. B. Martins. **A utilização de redes sociais na formação docente**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014a.

- [12] S. de E. F. Brasil. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- [13] NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: Contexto: 2008.
- [14] V. B. Martins. **A utilização de redes sociais na formação docente.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014a.
- [15] V. B. Martins. **O despertar para a leitura por meio de mídias digitais.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014b.
- [16] V. B. Martins. **O despertar para a leitura por meio de mídias digitais.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas,
- [17] V. B. Martins. **O despertar para a leitura por meio de mídias digitais.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas,
- [18] V. B. Martins. **A utilização de redes sociais na formação docente.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014a.
- [19] S. Possenti. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 2 ed., 2012.
- [20] V. B. Martins. **A utilização de redes sociais na formação docente.** Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014a.